

Investidores aprendem a se defender

J.C.Brasil — 2/10/90

SÃO PAULO — A rotina dos choques econômicos trouxe aos investidores brasileiros uma sofisticação invejável na administração de seu capital. O ingrediente principal passou a ser a expectativa em relação ao futuro próximo e o posicionamento antecipado em relação ao que virá pela frente. Antônio Cortese, diretor de planejamento do Private Bank do Citibank, serviço especializado em administrar fortunas acima de US\$ 1 milhão, convive diariamente com a responsabilidade de tentar apontar para onde o Brasil está seguindo e as chances de melhor proteger o patrimônio. “Estamos sempre a par do que pensa o cliente”, afirma ele. “Basicamente, os nossos clientes já aprenderam a conviver com choques e procuram trabalhar seu patrimônio de modo a indexá-los em moeda forte”.

“E para dar agilidade às decisões dos clientes, investimos continuamente em sofisticadas tecnológicas”, complementa Cortese. Ao longo desses anos do ciclo choque econômico, os operadores do mercado financeiro aprenderam muita coisa. “A primeira lição é que não se pode concentrar o risco”, afirma Marcelo Adorno, diretor da Corretora Tryccom. Todos os mercados, afinal, foram atingidos pelos choques econômicos, seja o mercado futuro de boi gordo ou a simples caderneta de poupança. “Como os remédios são conhecidos, os agentes econômicos aprendem



Cortese: só moeda forte

deram como driblar as medidas de um choque econômico. Afinal, tudo já foi tentado aqui”, adiciona Adorno. “A cada boato, os agentes econômicos já sabem onde colocar o seu dinheiro”.

De parte das empresas, a primeira lição é não planejar investimento de grande porte, pois não se sabe o que vai acontecer no futuro. Outra lição, é que um choque econômico geralmente desrespeita a propriedade, os preços, contratos firmados e introduzir o país em nova rota inflacionário em curto

período de tempo. Esses elementos conhecidos da sociedade provocam a seguinte reação antecipada: “De um modo geral, todos os preços sobem no período anterior a um choque”, conta Marcelo Solimeo, economista da Associação Comercial de São Paulo. “Certam-se até mesmo os investimentos mais simples, marcam-se os preços, pode-se fazer estoques, protege-se o capital em moeda forte ou ativos imobilizados. Depois do choque, normalmente as práticas são mascarar os produtos para poder reajustar o preço, diminuir a produção e tantos outros artifícios administrativos”.

Do ponto-de-vista do capital estrangeiro, os efeitos são ainda piores, pois o afugentam. Takanori Suzuki, presidente do Banco de Tókyo, testemunha: “Cada vez que vem um choque, perdemos a vontade de investir no país. Estamos em meio a um mau ciclo que esgota nossa energia. Em outros países, os choques foram únicos e deram certo. Os únicos países que ficam tentando sucessivamente são o Brasil e a Argentina, e nunca dá certo”. No Plano Collor I, os computadores do Banco de Tokyo ficaram trabalhando ininterruptamente por dois meses, inclusive finais de semana, apenas para conciliar e adaptar as contas dos clientes. “Um trabalho inútil que não rendeu nenhuma riqueza para o país”, lamenta Suzuki.